

O CONTO AS MÃOS DOS PRETOS: UMA ABORDAGEM DOS ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS AFRODESCENDENTES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor (1) Líbia Leaby Leite Barbosa; Co-autor (2) Erivaldo da Silva Nascimento; Co-autor (3) Rosimery Felipe de Pontes Vieira; Orientador (4) Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra

1. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: libialeaby@hotmail.com
2. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: erivaldo.sn@hotmail.com
3. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rosimerypontes@hotmail.com
4. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Resumo: Tal pesquisa parte da necessidade de inserção dos conteúdos referentes aos elementos históricos e culturais do povo africano em aulas de Língua Portuguesa, visto que a educação brasileira ainda mantém um modelo de ensino eurocêntrico que dificulta a abordagem desses aspectos em suas instituições. Ao sugerirmos a inclusão de tais temáticas em sala de aula, estaríamos indo ao encontro do que é estabelecido na lei 10.639/03, a qual visa um processo educativo mais igualitário que coopera para o desmonte das práticas excludentes e assim suscita respeito às diferenças. Por conseguinte, elaboramos uma proposta interventiva realizando uma adaptação da sequência Básica formulada por Rildo Cosson (2014) que será desenvolvida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Trabalharemos o gênero literário conto abordando a obra *As Mãos dos Pretos* de autoria do moçambicano Luís Bernardo Honwana, o qual trata de questões político-sociais da década de 60 que imperavam na sociedade de Moçambique uma vez que as ideologias da cultura portuguesa eram impostas ao povo colonizado tornando-os submissos e explorados. Objetivamos formular um espaço propício para o reconhecimento e valorização das heranças africanas, despertar nos discentes a sensibilidade causada pela alteridade, gerar tolerância às diferenças étnico-raciais, como também possibilitar o desenvolvimento das competências discursivas dos educandos para que se tornem sujeitos leitores mais críticos, autônomos e, assim, atuem no meio social em favor da igualdade racial. Fundamentamo-nos em estudiosos como Munanga (2005) e Santos (2016) cujas ponderações estão relacionadas a aspectos étnico-raciais, em pesquisadores como Amâncio (2008), Pereira (2007) e Araújo (2010) que discutem acerca da introdução de práticas inclusivas no contexto escolar, entre outros.

Palavras-chave: Diversidade, práticas inclusivas, igualdade racial.

1. INTRODUÇÃO

Pessoas de descendência africana foram postas à margem da sociedade por toda a história da humanidade. Práticas excludentes e discriminatórias resultaram no cerceamento de direitos e levaram os afodocendentes aos mais baixos patamares sociais. Diante de tais repressões, esses sujeitos formularam diversos mecanismos de denúncia com o objetivo de engajar-se na defesa do seu povo e assim retomar os espaços que lhes foram negados.

Apesar das constantes lutas por igualdade e reintegração social ao longo dos anos, os negros ainda sofrem com o preconceito arraigado cultural e historicamente, que disseminam e naturalizam ideias inferiorizantes e impedem o respeito à diversidade racial. Por isso, se faz necessária a formulação de ações afirmativas que cooperem na constituição de uma sociedade mais tolerante e busquem minorar as atrocidades que foram, e ainda são causadas a esse povo.

Acreditamos que o silenciamento de questões voltadas à cultura e história da África em sala de aula contribui para a folclorização de tais aspetos, acarreta a fortificação das práticas racistas, além de privar os nossos alunos do conhecimento acerca das matrizes que foram essenciais para a formação histórico-cultural do nosso país. Desta forma, ao inserir no contexto escolar produções literárias africanas a escola estaria, de forma interativa, atuando para formulação de uma educação mais inclusiva e igualitária. É nesta perspectiva que elaboramos uma proposta interventiva realizando uma adaptação da sequência Básica formulada por Rildo Cosson (2014) que será desenvolvida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Trabalharemos o gênero literário conto abordando a obra *As Mãos dos Pretos* de autoria do moçambicano Luís Bernardo Honwana com o objetivo de formular um espaço propício para o reconhecimento e valorização das heranças africanas, despertar nos discentes a sensibilidade causada pela alteridade, gerar tolerância às diferenças étnico-raciais, como também possibilitar o desenvolvimento das competências discursivas dos educandos para que se tornem sujeitos leitores mais críticos, autônomos e, assim, atuem no meio social em favor da igualdade racial.

Esta pesquisa dialoga com conceitos de estudiosos como Munanga (2005) e Santos (2016) que estão relacionados a aspectos étnico-raciais, em pesquisadores como Amácio (2008), Pereira (2007) e Araújo (2010) que discutem acerca da introdução de práticas inclusivas no contexto escolar, em Cândido (2011) que aborda o papel humanizador da literatura, entre outros.

O presente artigo está estruturado em três partes, sendo a primeira relativa à introdução, a segunda aos aportes teóricos que o fundamentaram, a terceira está relacionada à descrição dos

procedimentos metodológicos da proposta interventiva e, por fim, tecemos nossas considerações finais seguidas das referências.

2. PRÁTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS: INSERÇÃO E VALORIZAÇÃO DO LEGADO AFRICANO NAS ESCOLAS

As práticas educativas necessitam de uma reestruturação que possibilite, por meio de abordagens metodológicas significativas, o trabalho com as diferenças. Nessa perspectiva, precisamos nos questionar: O que nossas escolas estão fazendo para abordar temas étnico-raciais de forma efetiva? Nós, como professores, estamos colaborando para a desconstrução de visões preconceituosas relacionadas à diversidade racial?

Foi diante de inquietações como estas que, por meio da intensificação da resistência do Movimento Negro Brasileiro, foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 09 de janeiro de 2003, a Lei 10.639, ação afirmativa que visa “à revisão da qualidade de relações étnico-raciais no Brasil, as quais são produzidas e reproduzidas predominantemente na/pela escola” (AMÂNCIO, 2008, p. 37).

A partir de sua promulgação, houve alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que, anteriormente, não obrigava e nem, muito menos, apontava a necessidade de abordar em âmbito educacional as especificações históricas relacionadas à contribuição dos grupos raciais negros na formação cultural do país, atrelando assim os grandes feitos à herança portuguesa e fortificando a visão exótica sobre os sujeitos de ascendência africana.

A aplicabilidade da Lei 10.639/03 em contexto educacional proporciona um processo de educação mais igualitário, que promove partilha de saberes e respeito às diferenças. Segundo Pereira (2007, p 62) ao incluir temas referentes às culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares, ela permite que o país reconheça sua dívida com o povo negro e “na medida em que se destina a promover a justiça social, demonstra que a sociedade e o estado brasileiro iniciam – ainda que com atraso – uma revisão profunda dos valores que elegeram como legitimadores de suas estruturas.” Isso significa que, ao abordarmos em sala de aula o que é posto pela Lei, estaremos contribuindo para o desenvolvimento de “uma ordem social democrática.”

Depois de mais de uma década de sua instauração, inúmeros problemas ainda circundam o povo negro deste país, que corresponde a mais de metade da população. Os currículos escolares brasileiros ainda são permeados por ideologias eurocêntricas que tratam as diferenças de forma

ilusória, assim, não abre espaços para que o sujeito de origem africana possa sentir-se constituinte e construtor do legado cultural e histórico do país como também de toda a humanidade. Abordar questões voltadas à herança africana nas instituições de ensino significa romper com os moldes pré-estabelecidos e formular ambientes de valorização e reconhecimento. Acerca de tal concepção, Amâncio (2008) acredita que

o diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela Lei 10639/03, em seu potencial de interatividade –, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a auto-estima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro. (p 37)

Dialogando com as percepções de Amâncio (2008), Araújo (2010) ressalta que “é necessário que a escola supere as construções ideológicas legitimadoras do racismo, que foram elaboradas pela elite dominante para justificar a escravização e o estabelecimento de novas relações sociais pós-abolição” (p 06). Desta forma, ela precisa reconhecer as contribuições do povo negro nas esferas sociais brasileiras e mundiais viabilizando maneiras de desconstruir os conceitos que impedem de trazê-las para dentro de seus muros.

O professor precisa desempenhar papel fundamental nesse processo e, para que o ensino aconteça de forma inclusiva, é necessário que ele realize buscas contínuas de conhecimentos que proporcionem uma interação entre suas práticas, o contexto social e as contradições que o permeiam, para que assim, consiga abordar os aspectos da vida em sociedade. (MIRANDA, 2012)

Munanga (2005, p 15) acredita que a grande maioria dos docentes ainda não desempenha esse papel por não estar preparada para abordar tais questões em sala de aula, isso acontece por falta de formação adequada, ou pelo fato de manter o preconceito racial arraigado em si. O estudioso argumenta que tais professores

Na maioria dos casos, praticam a política de avestruz ou sentem pena dos “coitadinhos”, em vez de uma atitude responsável que consistiria, por um lado, em mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana.

O autor aponta outro entrave na inserção de práticas inclusivas na escola, que seria a falta de material didático propício para tal finalidade. Ele ressalta que nossos instrumentos de trabalho, isto é, “os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos

viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental.” (MUNANGA, 2005, p 15)

Precisamos ter cuidado para que não nos tornemos propagadores de concepções excludentes e para que isso aconteça “a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima” (Idem). Isto requer de nós engajamento e esforço interno que resultem em práticas que contribuam para a constituição da democracia racial tão almejada por todos que lutam por uma sociedade mais consciente e antirracista.

É nosso dever promover meios que garantam a valorização, a permanência e o sucesso escolar dos alunos afrodescendentes para que eles possam integrar o lugar que lhes é de direito no âmbito social. Tais ações demandam “o desmonte do racismo” (SANTOS, 2016, p 18), o responsável por crenças equivocadas, que classificam os seres humanos, superiorizando uns e inferiorizando outros.

Acreditamos que a educação seja um dos meios mais importantes para que suscitem possibilidades de transformação dos julgamentos que social, cultural e historicamente se estabeleceram no nosso país acerca do legado africano. Munanga (2005) ressalta que não existe uma receita pronta para que se desestabilizem tais conceitos, o que devemos fazer é implementar em nossa prática atividades educativas e pedagógicas inovadoras bem planejadas. É nesta perspectiva que sugerimos aqui uma atividade contemplando a obra literária, pois acreditamos que a literatura, instrumento poderoso de instrução, conduz o indivíduo a “tomar posição em face das iniquidades sociais.” (CÂNDIDO, 2011, P 183)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenvolveremos atividades de leitura, interpretação e escrita por meio de uma adaptação da *Sequência Básica* formulada por Rildo Cosson (2014) a qual foi idealizada para trabalhar o letramento literário no ensino fundamental. O estudioso propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. O primeiro “consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto” (p. 54), desta forma, uma boa motivação propiciará o interesse, a curiosidade, entre outros sentimentos, para o encontro entre o leitor e obra. A segunda etapa corresponde a “apresentação do autor e da obra” (p 57), na terceira, o professor precisa viabilizar formas prazerosas e atraentes de leitura das produções, e por fim, na quarta fase é necessário explorar os implícitos e explícitos, a

fim de que o educando seja capaz de fazer inferências “para chegar a construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (p. 64).

Cosson (2014, p 72) não aponta uma forma fixa de seguimento das etapas acima descritas, ele afirma que é

possível misturar a leitura com a interpretação, a motivação com a introdução, sempre de acordo com as necessidades e características dos alunos, do professor e da escola. O que não se pode perder de vista é a ideia de conjunto ou de ordenamento necessários em qualquer método.

Pelo fato do autor oferecer uma liberdade ao professor de trabalhar a *Sequência Básica* de acordo a realidade do meio no qual está inserido, formulamos um quinto passo, o qual denominamos de *Contextualização*, pois sentimos a necessidade de adicionar ao método uma etapa que contextualizasse o gênero discursivo que será trabalhado em nossa proposta como exteriorização e materialização da interpretação.

Nossa Sequência Básica adaptada foi elaborada para ser desenvolvida em uma turma do 9º ano do ensino fundamental com a finalidade de introduzir elementos históricos e culturais africanos nas aulas de Língua Portuguesa. Trabalharemos o gênero literário conto abordando a produção *As mãos dos Pretos* de Luís Bernardo Honwana, uma das figuras mais representativas na literatura moçambicana. Engajou-se na luta pela libertação de Moçambique e até os dias atuais se destaca pelo envolvimento nas causas voltadas para os direitos do povo negro.

A obra abordada nos faz refletir acerca das questões político-sociais da década de 60 que imperavam na sociedade moçambicana de forma que as ideologias da cultura portuguesa eram impostas ao povo colonizado tornando-os submissos e explorados.

Honwana nos leva a essa reflexão através da curiosidade de um garoto que protagoniza o conto e interage com diversos personagens, senhoras e senhores, que fazem parte da sua vida cotidiana. Ele busca incessantemente descobrir porque as mãos dos pretos são brancas e, nessa busca, mostra-se incrédulo diante dos argumentos daqueles que representam a classe dominante, ideológica e opressora de um país colono que escraviza e luta pela manutenção do poder a todo custo.

O Senhor Padre e o Senhor Professor, por exemplo, são personagens da narrativa que representam a moral e detêm o conhecimento como verdade inquestionável. O primeiro profere um discurso elitista, imbuído de interesse e preconceito contrariando o princípio de igualdade pregado pela igreja católica e marginalizando o preto através de sermões autoritários e excludentes. O segundo faz uma analogia dos pretos com os bichos do mato. Há, em suas palavras, a ideia de que

os pretos seriam inferiores aos brancos. Deixa subentendido a condição de exclusão e submissão que não podia ser questionada, apenas aceita.

A forma de tratamento do garoto em relação aos personagens com os quais ele interatua contribui para que acreditemos que a classe dominante almeja manter a ideologia de inferioridade dos pretos. Em figuras como o “Senhor Padre” e a “Dona Dores” está impregnada a ideia de que é preciso demonstrar respeito a aqueles que ocupam cargos socialmente relevantes.

Um discurso transgressor que parece coerente e que põe fim ao questionamento do garoto é o desabafo de sua mãe. Inconformada com os preconceitos que sofre e com o fato de ser levada por “outros” homens “para os pôr a servir como escravos ou pouco mais”, ela busca na religiosidade – como a maioria dos personagens, uma explicação que parece ser a resposta mais coerente para aquela parte da sociedade marginalizada: o ideal de equidade.

Considerando o contexto social de Moçambique e o engajamento pessoal de Honwana na busca da liberdade de seu país, o texto age como forma de protesto e denúncia. Nele o sujeito afro social, cultural e historicamente discriminado enuncia-se e luta contra as injustiças. As mãos dos pretos são sinônimas de garra, trabalho, angústia e são elas que representam a igualdade entre todos os seres humanos.

Para motivarmos o aluno a ler a obra, primeiramente, faremos a apreciação da música *13 de Maio* de autoria de Jackson do Pandeiro e Nivaldo Lima. Nela, são discutidas as formas de maus tratos sofridas pelos negros, que chegavam a ser espancados até a morte, na época da escravatura no Brasil. Desta forma, faremos uma primeira reflexão acionando o conhecimento prévio dos educandos acerca das questões históricas que envolvem o processo de escravização e submissão dos negros não somente no nosso país, como em âmbito mundial.

Em segundo momento faremos a introdução do conto apresentando-o em xerocópias, buscando estimular os educandos, por meio de alguns questionamentos acerca do título, a fazer previsões e inferências sobre o desenvolvimento do texto e formular os objetivos da leitura.

A terceira etapa consiste na leitura da obra. Esta fase precisa ser uma atividade prazerosa e nesta perspectiva, Geraldini (2012, p 61) argumenta que o professor não pode transformar esse momento em “uma martírio para o aluno”. Diante de tal posicionamento, procuramos aqui, viabilizar práticas que não se caracterizem apenas como “simulação de leitura” (Idem), mas que propiciem uma interlocução significativa entre o autor/leitor por meio do texto, buscando formar sujeitos autônomos que, por meio das práticas leitoras, tenham uma postura ativa em meio às sociedades letradas.

Para realização da leitura, levaremos os alunos até a *Sala de Leitura*. Solicitaremos que eles leiam primeiramente em silêncio e individualmente, a fim de que “sigam seu ritmo, para atingir o objetivo ‘compreensão’”(SOLÉ, 1998, p 99), depois, o professor solicitará um voluntário para ler em voz alta explorando alguns recursos orais como entonação, ênfase, pausas, entre outros. Após tal prática, o docente questionará se as previsões realizadas antes da leitura foram confirmadas, se não corresponderam às expectativas ou mudaram na medida em que se lia o texto. Será importante ressaltar que neste processo de inferência, o que é mais proveitoso não é a “exatidão, mas o ajuste e a coerência.” (SOLÉ, 1998, p 29)

No quarto momento faremos a introdução do autor apresentando seus dados biográficos em slides. Discutiremos sobre sua militância e engajamento nas questões reativas aos direitos do sujeito negro e como esta obra e as demais atuam como espaço de denúncia e enunciação desse povo.

Na quinta e última etapa serão trabalhadas a interpretação e contextualização em conjunto. Este momento contribuirá de forma efetiva na formação do leitor crítico. A compreensão de cada um dependerá de suas experiências prévias, finalidades, inferências e não se pode determinar uma única interpretação, elas poderão tomar diversas direções, o que cabe ao professor será a mediação para que isto aconteça de forma coerente. Assim, em *Roda de Debate*, discutiremos sobre os variados pontos de vista dos alunos e o docente poderá acompanhar o processo de exploração dos implícitos e explícitos da obra, por meio de questionamentos tais como: Os discursos sociais presentes no texto apresentam ideias positivas ou negativas relacionadas aos negros? Por que a maioria dos personagens, ao explicar a causa das palmas das mãos dos negros serem brancas, sustenta suas respostas em conceitos religiosos? Reflita sobre a posição social que cada personagem ocupa na sociedade. Em que isto influencia nos seus discursos? Como a personagem “mãe” se diferencia dos demais?

O estudante estará livre para formular suas próprias perguntas, fazer observações e ressaltar alguns pontos que não foram abordados pelo professor. As interrogações realizadas por ele constituem uma das partes mais importantes desse processo, pois ao indagar-se é possível conscientiza-se, refletir, e principalmente, tornar-se crítico e atuante.

Criaremos um grupo de debate no *whats app* para aprofundamento das questões discutidas em sala de aula. Os alunos realizarão uma pesquisa acerca do contexto histórico em que se insere o conto e o grupo será um espaço propício para apresentação, partilha e discussão das informações encontradas.

Todas estas reflexões serão extremamente úteis para que os alunos possam desenvolver uma outra atividade sugerida pelo professor, a elaboração de charges a respeito da temática trabalhada. Para isto, o docente precisará contextualizar o gênero multimodal por meio de exemplificações em data show, discussões sobre seus elementos estruturais, os recursos linguísticos utilizados para alcançar seu propósito comunicativo e sua funcionalidade no âmbito social. Marcuschi (2008) afirma que o trabalho com os gêneros em sala de aula é uma forma de voltar-se para a “ligagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais.” (p 151)

O professor revisará as produções com a colaboração dos alunos e elas serão compartilhadas em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, no grupo do *Whats app* e no mural da escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar sobre a responsabilidade de viabilizar formas de ampliação do conhecimento e interação com o meio social é uma atividade que se faz cada vez mais necessária no âmbito educacional. Precisamos, por meio de práticas discursivas significativas, permitir que os educandos se tornem sujeitos pensantes autônomos e construtores de saberes que se posicionam como agentes de mudança e fazem uso da palavra para reformular espaços socialmente estabelecidos.

Desta forma, acreditamos que esta proposta interventiva, por meio do uso do gênero literário *conto*, planejada e organizada com base na *Sequência Básica*, possibilite a formação da competência discursiva assim como a sensibilização em torno de questões culturais e históricas voltadas para o sujeito negro e a criticidade acerca de práticas excludentes.

A abordagem da obra *As mãos dos pretos* em aulas de Língua Portuguesa, é apenas uma das inúmeras possibilidades de estudo da língua em seu funcionamento e interação social. O professor precisa estar sempre disposto a viabilizar novas alternativas de atividades que contribuam no processo de aprendizagem e socialização.

Creemos que este estudo possa abrir caminhos para que outras práticas sejam pensadas em favor de um ensino mais igualitário e inclusivo, assim, esperamos que nossa proposta seja relevante para o rompimento dos moldes de ensino que não cooperam para a valorização dos elementos histórico-culturais africanos e afro-brasileiros no nosso país.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa. *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ARAÚJO, Osvaldo Alves de. *Lei 10639/03: desafio para a implementação dos conteúdos afro-brasileiros nas escolas*. 2010. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipar_hist_artigo_osvaldo_alves_de_araujo.pdf <acesso em 07/05/2017 às 20:53>

CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014

GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós Matamos o Cão Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

MIRANDA, Maria das Graças. *Produção didática pedagógica: lei 10.639/2003 e a resistência na escola*. 2012. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unioeste_hist_pdp_maria_das_gracas_miranda.pdf <acesso em 07/05/2017 às 21:30>

MUNANGA, Kabengele (org) . *Superando o racismo na escola*. 2º Ed . [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. *A questão do negro na sala de aula*. São Paulo: Global, 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Trad. Cláudia Schilling – 6.ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.